

5

QUINZENAL PARA PORTUGA

CIANZETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas

Anno (Coute) ☐ ☐ ri.000
 Sumestm () ☐ ☐ 6.000
 Anno (pjivant.jas^) ☐ ☐ 1.4.000
 A vui, so ☐ ☐ 500

PARIS 5 DE JUNHO DE 1884

Director : Mariano PINA, 7, rue de Parme.

Davin Collum, 42, R. dj. Atalija.
Assignaturu*

Anno ☐ ☐ 2.400 (6)
 Skriptur ☐ ☐ 1.200 (6)
 Teilmisth ☐ ☐ 600 (6)
 Avi.xso ☐ ☐ 100 (6)



(A lenda de São Medard.)

isiéhmp™

SÚMMARIO

Taxco: *Chronica*, por Mariano Pina. — *Expediente*. — As nossas gravuras: Desordem nos côas; a Partida de Jacob; Ch. Wurtz; a cathedra de S. Paulo de Londres; a Exposição agrícola de Lisboa; a China contemporânea: Um tribunal em Shanghai; o Marquez de Taung. — *Londres*, por Luiz Guimarães. — A Inglaterra e a França julgadas por um inglês, por Eça de Queiroz. — Exercícios e casos diffíceis. — Theatros, por J. M.

GRAVURAS: Desordem nos côas. — Salão de 1884: A partida de Jacob, quadro de R. Amadeo. — O illustre químico Ch. Wurtz. — A cathedra de S. Paulo de Londres. — A Exposição agrícola de Lisboa, desenho de Manuel de Macedo e de Christino. — A China contemporânea: Um tribunal em Shanghai. — O marquez de Taung.

CHRONICA

UMA d'estas noites o corpo estava a pedir theatro...

Ha momentos assim que ninguém sabe explicar. Momentos terribes de despotismo que nos obrigam a abrir constantemente a bolsa, mesmo quando nós temos a convicção de que esse dinheiro nos faz falta ou de que estamos offendendo as nossas tradições de avarento.

... Mas empurram-nos. Ha uma força estranha, mãos occultas que nos tiram os luizes da algibeira para os irem trocar, gastando todo o dinheiro que possuímos contra a nossa expressa vontade.

N'esses momentos paga-se por cem francos um objecto que vale dez; damos dobradas gorjetas aos criados que nos servem com mau modo; e chega-se até ao extremo de alugar uma carruagem-sela para um passeio de meia hora de Batisa Saint-Cloud.

Se n'esse momento uma mulher se aproxima para vender um triste beijo insipido — paga-se esse beijo com todo o dinheiro que se tem e com todo o dinheiro que se pode pedir emprestado aos amigos.

E por causa de muitos momentos assim que muito boa gente tem aproximado um canudinho preto do ouvido direito, e fazendo pum!... introduzem uma migalhinha de chumbo nos ouvidos, o que, segundo me têm dito pessoas autorisadas, não é dos mais finos gozos que a Terra proporciona aos seus habitantes...

As vezes a apparição de semelhantes momentos que nos obrigam a fazer cousas que nós estavam longe de realizar — depende de muito pouco.

Um individuo está jantando com a mesma indifference, a mesma tranquillidade, o mesmo ar aborrecido da vespera.

Vem a sopa — e toma-se...

Vem o peixe — e prova-se...

Vem o assadito — e come-se...

Até aqui nada se passou de extraordinario. Mas a criada apparece com uma couve-flor embruhada n'uma *sauce blanche* que sabio primorosa:

o paladar de repente acorda, sensualmente excitado;

o roquefort sabe-nos melhor do que nunca; até se abec meia garrafa de velho Pommaré;

ha desejos de comer um bocadinho, só um bocadinho, de doce;

e come-se!

A um canto da chaminé uma garrafa de

Champagne onde se lê em letras d'ouro Montebello, sorri... sorri... sorri...

Até que se abre!

E vem o café.

E vem um charuto.

E uma hora depois, em vez de se estar agarrado á banca do trabalho, ás ordens do Dever e ás ordens da Obrigação — encontra-se um cavalheiro de perna traçada, diante do Coquehin, da Judic ou da Sarah.

E foi assim também que eu hontem me achei n'um fauceuil da Comedia Françoza, assistindo a uma representação da *Estrangeira* de Dumas filho, que servio d'estreia na casa de Moliere a Blanche Pierson, um dos bons typos de mulher dos theatros parisienses.

Todas as vezes que em Paris se faz alguma cousa que já se tenha feito em Lisboa, é com um grande sentimento de curiosidade e de interesse que eu procuro observar o facto, para comparar o que na minha terra se faz. Lisboa ás vezes está a par, e algumas vezes mesmo está superior.

Todo o portuguez mais ou menos estrangeirado, todo o portuguez que um dia ponde pôr pé no boulevard dos Italianos, tem uma grande tendencia a olhar o seu paiz — como um paiz de idiotas!

Comigo — talvez porque eu seja um modelo de idiotismo dos mais perfectos e dos mais acabadinhos — comigo dá-se porém um facto extranho:

... (Devo-as prevenir de que tenho mais companheiros na maneira de ver as cousas)...

Cada dia me convenço mais de que o meu paiz — áparte o aviltamento de certas camadas resultado da desmoralisação politica — é um paiz onde ha talento a valer.

Eu, litterato, só sei fallar de litteratura — e artes correlativas.

Que os outros tratem de pôr em evidencia as glórias dos seus officios.

Tenham a bondade de comparar o nosso paiz com os pequenos paizes da Europa, com os grandes mesmo como a Hespanha, e de comparar o que ha por lá com o que nós temos.

ROMANCISTAS: — Eça de Queiroz e Camillo Castello Branco, eguaes aos primeiros romancistas de França, superiores a todos os romancistas de todas as Hespanhas, superiores até aos romancistas belgas — irmãos dos romancistas francezes.

POETAS: — João de Deus, Guerra Junqueiro, Anthero do Quental, e perdemos ainda ha pouco Gonçalves Crespo, parnasiano igual aos melhores parnasianos de França que se chamam Sully-Prudhomme, François Coppée, Theodore de Banville, Catulle Mendès.

HISTORIADORES: — Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga.

CRITICOS, JORNALISTAS, DRAMATURGOS: — Ramalho Ortigão, um escriptor que possui toda a mordacidade e todo o humorismo de Henri Rochefort e toda a belleza de estylo de Emilio Zola. — Pinheiro Chagas, a mais bella organização de jornalista que tenho encontrado, que em Paris, teria fundado o *Picaro* com Villermessant, e em New-York o *New-York Herald* com Bennet. — Eduardo Coelho, o homem que fundou em Portugal o *Diario de Noticias* no genero

do *Petit Journal*, o jornal mais bem informado de Paris como o *Diario de Noticias* é o jornal mais bem informado de Lisboa. — Antonio Ennes, uma excellente organização de dramaturgo, mas atropiada por uns restos de mau romantismo, — etc., etc.

E entre os jornalistas portuguezes destaca-se um artista de primeira ordem, mas de primeira ordem não em Portugal mas na Europa, um artista superior ao seu genero a tudo quanto existe em Hespanha, em França, mesmo em Inglaterra, onde ha mais perfeição de desenho, mas onde não ha lapis com tanta graça, nem com tanta phantasia, nem com tanta mordacidade como este. Refiro-me a Raphael Bordallo Pinheiro.

Emfim...

Portugal, este paiz de idiotas como muita gente portugueza lhe chama, tem talentos magnificos, podendo produzir obras se não melhores, pelo menos tão boas como as que fabricam os pequenos estados europeus, e em todos os generos — ou sejam trabalhos d'espiroito ou sejam trabalhos de braço...

E era isto mesmo o que eu pensava hontem, passeando sózinho ao longo do foyer do *Theatro Françoze*, olhando de quando em quando para um busto de Musset, perfil meigo e olhar d'uma doçura mysteriosa de mulher — ou para um busto de Moliere, bigode erguido victoriosamente n'um grande ar de conquista e de ironia atrevida.

E era isto mesmo que eu pensava, n'um intervalo da *Estrangeira*, lembrando-me da maneira notabilissima como esta peça foi representada em Lisboa pelo grupo de artistas que actualmente exploram em sociedade o *Theatro de D. Maria II*.

Quando ás vezes deparo com certos artiguinhos que ali chamam (por ironia ou por ignorancia...) criticas, artiguinhos terribes onde se ferra medonhamente o dente em *D. Maria*, na *Trindade* e em *S. Carlos* — theatro este que eu odeio pela simples razão de receber um subsidio de 25 contos de reis... uma ladroeira! para só subsidiar artistas e arte estrangeira — sinto que o thesouro do meu paiz não tenha dinheiro bastante para mandar os criticos n'um porão de navio, a ferros, até ao Havre, e d'alli em carruagem cellular até Paris, para lhes mostra o que por aqui ha.

Em janeiro de 83, Jayme de Segurier e eu, fomos ver ao *Theatro Françoze* uma recita do *Monde ou l'on s'ennuie*. A parte Madeteine Brohan e a Reichenberg tudo mais era um horror, sem nentum d'elles competir com os nossos actores.

Agora assisto a uma representação da *Estrangeira*, e áparte o genio extraordinario de Coquehin, em todo o caso prefiro o soberbo typo do duque de Septmons creado por Augusto Rosa, ao typo creado pelo actor Françoze.

O papel que João Rosa fazia tão admiravelmente é aqui desempenhado por um mediocre com pretensões!

Joaquim d'Almeida foi superior no papel de Clarkson ao actor Lefebvre, uma representação da casa de Moliere.

Barthelemy, actor que substituiu Sarah na Comedie e interior n'esta peça a Virginia,

uma grande actriz dramatica como não ha duas em Paris.

É mesmo para haver ainda superioridade no desempenho de Lisboa sobre o desempenho de Paris, Blanche Pierson em certas scenas tanta pose fez, que foi por vezes peor que a sr.^a Carolina Falco, que nunca comprehendeu o papel da *Estrangeira*, como eu tambem nunca comprehendí e hoje ainda muito menos o motivo porque a sr.^a Carolina Falco tem conquistado a reputação d'uma das primeiras actrizes do theatro portuguez.

Na comedia?... Não me parece.

Na tragedia?... Pelo amor de Deus!

No drama?... Mas a grande belleza do drama consiste em ser representado d'um modo totalmente differente d'aquelle como a sr.^a Carolina Falco o representa...

~~~~~ Acrescentem aos artistas que a ponto os nomes de Brazão e de Antonio Pedro, de Rosa Damasceno e de Gertrudes, quatro artistas de primeira ordem não em Lisboa mas em Paris;

juntam a estes todos os artistas que formam a segunda camada de *D. Maria*;

e podem ter a certeza de que em Lisboa se representa uma comedia tão bem como em Paris, onde muitas vezes pelo dobro e pelo triplo dos preços de Lisboa se vêem pessi-mos desempenhos, decorações detestaveis, espectaculos que os imbecis aturam, suportam e acham bom, porque no palco se falla uma lingua que elles não percebem.

~~~~~ Ao findar o ultimo acto da *Estrangeira* entendi que era do meu dever de escriptor portuguez dizer a todos quantos me lêem:

1.^o — que a arte de representar está sendo em Portugal uma das mais bellas manifestações artisticas do paiz;

2.^o — que o theatro de *D. Maria* está a par dos primeiros theatros de Paris — Comedia Francesa, Gymnasio, Vaudeville;

3.^o — e que n'estes raras vezes se apresenta uma peça com o primor scenographico com que certas peças se apresentam em Lisboa.

~~~~~ Aos cavalheiros da má lingua que vão esquarterar esta chronica chamundo-lhe certamente uma *réclame* ou um bilhete de visita de auctor em embryão, devo dizer: que meu peito não abriga um unico original;

e que se algumas censuras tenho a fazer, é a levandades que ainda apparecem de tempos a tempos em *D. Maria*, pondo-se em scena traducções ou arranjos de peças francezas, sem se ouvir o auctor e sem se lhe pagar a parte que lhe compete pois que é elle o proprietario — o que constitue um verdadeiro roubo litterario.

E as censuras não devem caber todas á sociedade dos artistas. Devemos censurar especialmente o commissario do governo, que em nome do Paiz e em nome da Lei, consente em todas as falcaturas litterarias que ainda se fazem n'aquella casa, sem protestar, como é do seu dever.

~~~~~ Eu sei que é deveras innocente pegar n'uma peça que está impressa em francez, traduzi-la, dal-a a um theatro, e receber tanto por cada recita.

Mas essa peça tem um auctor que em Paris vive apenas da sua penna, e que confia na equidade da lei para ter garantida a propriedade da obra.

Ora pegarem n'essa obra; pórem-na em scena; ganharem com ella: empregarios, actores, traductor e mais todo o pessoal d'um theatro, sem se mandar ao auctor um patuco para que beba um copo de genebra — é roubar-o vilmente.

É necessario que por uma vez acabem estas vergonhas de traducções, e que o commissario do governo junto do theatro de *D. Maria* comprehenda ao menos uma vez os seus deveres — prohibindo que na casa que o Estado vigia se não fujam ladroeiras!

MARIANO PINA.

EXPEDIENTE

Não podemos deixar de mencionar com um vivo sentimento de orgulho o exito brilhante que obteve em todo o Portugal o 1.^o numero da *Illustração*.

A empresa era deveras arriscada, tanto mais que se tratava de apresentar um jornal em tudo semelhante aos primeiros jornaes de Paris e de Londres, vendendo-se em Lisboa e no Rio de Janeiro por um preço muitissimo inferior ao que custa cada numero da *Illustration* ou da *Graphic* em qualquer d'estas duas cidades.

O mercado portuguez estava farto de jornaes que se vendiam por preços exorbitantes, tendo um acanhado numero de paginas, de gravuras e de leitura.

A nossa ideia era vender barato uma *Illustração* luxuosa, uma *Illustração* redigida e impressa em Paris, para abrangeer os acontecimentos de todo o mundo, em tudo equal ás *Illustrações* de Paris. — E conseguimos o nosso fim! E realisamos a nossa ideia!...

O acolhimento que o 1.^o numero da *Illustração* encontrou no publico portuguez foi enorme. E não sabemos com que palavras agradecer aos nossos collegas da imprensa portugueza que declararam espontaneamente ser o nosso jornal

o primeiro do seu genero em Portugal

fazendo os maiores elogios á sua redacção, á sua execução artistica, á belleza das gravuras e á extraordinaria modestia do preço.

E de tal ordem foi o exito obtido n'um paiz onde os editores de jornaes illustrados são os primeiros a confessar que a maior das suas tiragens é de 3.000 exemplares, que o 1.^o numero se esgotou desaparecendo a edição de

6.000 Exemplares

que mandáramos para Portugal, sendo-nos pedida telegraphicamente a reimpressão dos dois primeiros numeros para satisfazer ás exigencias da assignatura, passando nós agora a enviar regularmente

9.000 Exemplares

de cada numero que for sahindo, ao nosso zeloso e activo correspondente em Lisboa, sr. David Corazzi.

Exitos equal nunca houve no nosso paiz com jornaes illustrados. O publico, porém, compra a nossa *Illustração* por que lhe damos um jornal de 16 paginas, com as melhores gravuras que apparecem na Europa, e com a leitura mais cuidada e escriptuosa, isto por um preço serio, regular e digno, onde não ha exploração, onde ha apenas o desejo de tornar prospera uma empresa que espera merecer a confiança do publico portuguez e brasileiro para emprender outros trabalhos de mais subido valor.

Exitos equal nos auguram do Brazil, — e a Empresa da *Illustração* que deseja tornar conhecidos os enormes progressos que se têm feito na industria dos jornaes illustrados, está em

contracto com duas grandes officinas — uma de Amsterdam e outra de Leipzig — para poder offerecer

sómente aos seus assignantes

um novo genero de supplementos artisticos, além das 16 paginas que formam cada numero do nosso jornal, genero totalmente desconhecido em publicações portuguezas.

Estes supplementos só acompanharão os numeros expedidos aos assignantes, não se vendendo um só nei nas livrarias nem com os numeros avulsos.

Publicamos hoje o primeiro trabalho que o illustre romancista

Eça de Queiroz

escreveu expressamente para a *Illustração*. O notavel auctor do Primo Baxilio passou ha dias por Paris dirigindo-se para Inglaterra, e não obstante achar-se ainda um tanto enfermo e os medicos prohibirem-lhe qualquer trabalho aturado, deu ao Director da *Illustração* a boa nova de que ia ser um dos nossos assíduos e constantes colaboradores.

Deve apparecer no 4.^o numero da *Illustração* uma grande pagina de

Raphael Bordallo Pinheiro,

o emime artista portuguez, desenho commemorativo da grande festa de caridade — Ken-xosse — que em Lisboa se realisou sob a iniciativa de S. M. a sr.^a D. Maria Pia.

Esta pagina é feita com muita felicidade, e deve constituir o melhor documento historico que ha de existir de futuro da soberba festa que tanto surpreendeu Lisboa.

O artigo descriptivo é do nosso distincto collaborador Fialho d'Almeida, e para maior atractivo do nosso 4.^o numero apresentaremos o retrato do poeta francez Jean Richepin o auctor do novo livro de versos *Blasphemies*, o traductor de *Macbeth* de Shakespeare, a tragedia que actualmente representa Sarah Bernhardt em Paris, o auctor da *Glu* representada no Rio de Janeiro com o titulo de *A Mulher-Visco* — retrato acompanhado d'um estudo sobre o poeta, por um outro brilhante poeta e nosso collaborador

Jayme de Seguer.

AS NOSSAS GRAVURAS

DESORDEM NOS CÉUS

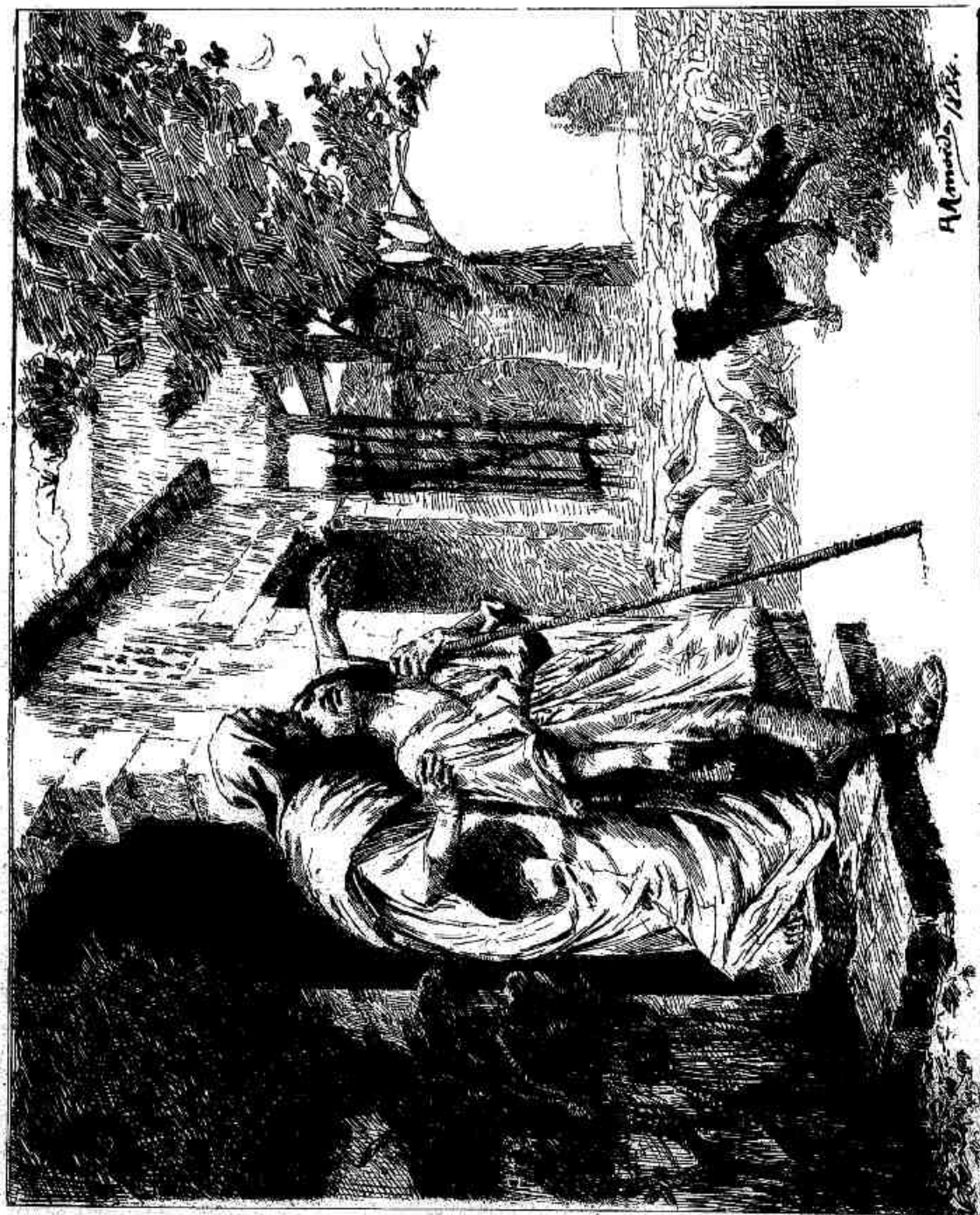
N o dia 8 de junho festejam os francezes o seu São Medard. Este ornamento da igreja que nasceu no anno 457 da era christã e morreu no anno 545 deu origem a uma lenda bem curiosa.

São Medard é — na opinião dos francezes — quem se encarrega lá no alto dos céus de nos mandar as chuvas da primeira quinzena de junho, estas chuvas que ás vezes destroem todo o effeito espectacular das corridas de Long-champs.

Quando São Medard se dispõe a divertir-se á custa da humanidade, o que lhe acontece uma vez por anno, pega nos seus baldes, e quando Paris vae a caminho do Bosque de Bolonha para assistir ao *Grand-Prix*, sob um céu azul e um sol esplendido... zás! catrapuz!... despeja-lhe em cima um balde d'agua... E adeus *toilettes* de primavera! adeus corridas!...

O publico foge da pelouse para se ir abrigar debaixo das barracas. O hippódromo perde todo o seu aspecto brilhante e pittoresco. E a maldicta chuva a cair... a cair eternamente! E São Medard que se está divertindo com o desespero dos parisienses.

E São Medard não é santo que admitta os





O ILUSTRE QUÍMICO CH. WURTZ

Fallecido em Paris no dia 12 de maio)

seus collegas do reino dos céus o virem metter o nariz nos seus caprichos e nas suas phantasias. Lembra-se de deitar agua cá para baixo — e é por que a deita! Não admittre observações. Mas às vezes São Gervais e São Protásio que o vêem entregue á sua tarefa, aproximam-se d'elle e dizem-lhe:

— Amigo! Deixa em paz os pobres mortaes! Deixa-os gozar o bello sol de junho e os bellos céus de primavera... Não seas cruel, São Medard! Não molhes mais a humanidade! Tem dó dos infelizes!...

E São Medard começa a enfurecer-se, e responde-lhes immediatamente:

— Que têm vocês que ver com o que eu faço?... Ora vão seguindo o seu caminho. Sempre são bem atrevidos!

— Tu chamas-nos atrevidos?... São Medard! São Medard! toma cautella com essa lingua!

— Atrevidos disse, e ainda o repito... Atrevidos é o que vocês são, e se me fazem subir o sangue á cabeça não lhes digo nada!...

Palavra puxa palavra, e como o Padre Eterno não pode exercer vigilância por toda a parte, os trez santos dentro em pouco estão ás brigas. São Medard teima em despejar baldes d'agua; São Gervais que não é santo com que se brinque quer tirar-lhe o balde das mãos. E balde para um lado e balde para outro. São Protásio o mais pacato dos trez em vão procura apazigual-os. E de toda esta desordem nos céus quem mais soffre e mais molhado fica é a pobre humanidade, que em vez de ter chuva até ao dia 15, tem ás vezes temporal desfeito até aos principios de julho!

A PARTIDA DE JACOB

A ILUSTRAÇÃO desejando tornar conhecidos em Portugal e Brazil os trabalhos dos artistas portuguezes e brasileiros que se acham em Paris, tratou de obter d'aquelles que este anno expõem no *Salon* desenhos originaes reproduzindo as obras expostas.

O primeiro desenho que recebemos foi de Amoêdo, o distincto pensionista do Brazil. É um trabalho á penna, copia da tela que se vê no Palacio d'Industria. Desejando conservar ao trabalho do sympathico artista toda a delicadeza e toda a suavidade do seu traço, mandámos fazer a reprodução photographica do desenho e depois executal-o segundo os ultimos processos chimicos, aproveitando o systema da zincographia que só em Paris se executa na perfeição.

O quadro de Amoêdo, cujo assumpto o artista foi procurar á *Biblia*, representa a partida de Jacob.

As duas figuras principaes são tratadas com grande esmero — perfeição de desenho e suavidade no colorido. E tanto no quadro como no *croquis* que hoje damos — o rebanho de carneiros e no ultimo plano a figura do pastor são trechos tocados com grande felicidade e sentimento, fazendo lembrar pela sua poesia tranquilla alguns dos vagos planos dos quadros campestres de Millet.

O sr. Amoêdo é um dos pensionistas mais distinctos e mais talentosos que o Brazil tem mandado para a Europa.

Ainda no *Salon* passado era deveras notavel o seu grande quadro *O ultimo dos tamoyos*, — e pareçe-nos que dentro em poucos annos o Brazil ha de possuir mais um artista de subido valor, tratando com largueza e talento os assumptos do seu paiz, como já o tem feito os sr.s. Pedro Americo e Victor Meyrelles.

A *Illustração* agradece ao intelligente artista a extrema amabilidade com que respondeu ao desejo de o vermos collaborar no nosso jornal — e felicita-se por poder offerecer aos seus leitores do Brazil a copia do quadro que um seu compatriota expõe n'este momento no *Salon* de Paris, copia que tem o subido valor de ter sido feita expressamente pelo proprio auctor, para a *Illustração*.

WURTZ

A CIENCIA está perdendo os seus trabalhadores mais illustres e mais dedicados. No seu 1.^o numero a *Illustração* teve a magua de cobrir de luto uma das suas paginas, ao apresentar aos leitores o cabeça veneravel e sympathica d'esse velho notavel, d'esse chimico celebre que se chamava J.-B. Dumas.

Hoje um novo enterro passa na nossa frente, e na noite d'uma cova a sociedade vê desaparecer um outro chimico celebre, companheiro de Dumas.

Charles Wurtz nasceu em Strasburgo em 26 de novembro de 1817, estudando medicina n'esta mesma cidade, sendo chefe dos trabalhos chimicos de 1839 a 1844, tendo recebido o doutorado em 1843.

Entrando em Paris, foi preparador do curso de chimica organica da Faculdade (1845), chefe dos trabalhos chimicos na Escola das artes e manufacturas, substituto (1849), professor no Instituto agronomico de Versailles (1851), e, depois da aposentação de Dumas e da morte de Orfila (1853-1854), titular das duas cadeiras reunidas sob o nome de curso de chimica medica.

Eleito membro da Academia de medicina (1856) Wurtz fez tambem parte do comitê de hygiene, da sociedade chimica de que mais tarde foi secretario, da sociedade philomatica, etc.

Nomeado deão da Faculdade de medicina (1866), fez-se notar pela sua firmeza e pela sua moderação, quando houve as celebres revoltas dos estudantes de Paris ao saberem que os seus melhores professores tinham sido denunciados ao senado francez (1867-1868).

Deu a sua demissão de deão em abril de 1875 e foi nomeado, no 1.^o d'agosto seguinte, professor de chimica organica na Faculdade de ciencias.

Em julho de 1865, por indicação da Academia das ciencias, obteve o premio biennial de 50.000 francos, creado pelo imperador, e em 1878 a grande medalha *Faraday* da Sociedade real de Londres.

Em 1867, foi eleito membro da Academia das Ciencias (secção de chimica), para o lugar vago pela morte de Pelouze. Condecorado com a Legião d'Honra em 1850, promovido a official da mesma ordem em 1863, como membro da secção franceza do jury internacional da Exposição universal de Londres, foi nomeado commendador em 1869.

Ch. Wurtz fazia parte de todas as sociedades scientificas da França e do estrangeiro. Deixa um grande numero de obras d'um immenso valor que contribuíram, juntamente com os trabalhos de J.-B. Dumas, para os grandes progressos da chimica, obtendo muitas e as mais elevadas recompensas nacionaes. Era senador francez inamovivel desde 1881.

Será necessario recordar aos que nos lêem e que já atravessaram as aulas de chimica, que era Wurtz o grande defensor e o grande propagador da theoria atomica que é hoje a preferida á theoria dos equivalentes, e que é d'elle tambem o grande dicionario de chimica, que todos folheiam — medicos, professores e discipulos?

Nas progressos da chimica as glorias da França eram: Dumas, Wurtz e Pasteur. Hoje só lhe resta Pasteur, de quem vamos dar o retrato no proximo numero da *Illustração*. O seu nome está de novo sendo aclamado por todo o mundo scientifico. — Pasteur acaba de descobrir o meio de combater radicalmente a hydrophobia!

A CATHEDRAL DE S. PAULO

A MAGNIFICA gravura que hoje damos representa um dos mais importantes monumentos architectonicos da Europa — a cathedra de S. Paulo em Londres. Acha-se collocada no centro da City,

no coração da cidade onde afflue a grande vida commercial, e é um dos edificios mais notaveis da capital da Grã-Bertanha.

Construida segundo os planos de Christovam Wren, foi começada em 1675, concluida em 1710 e benzeram-na em 1697.

O edificio, em forma de cruz latina, com uma cupola, é muito parecido com a igreja de São Pedro de Roma, mas muito mais pequeno. A nave tem de comprimento 156 metros e 36 m. de largura. A cupola tem interiormente 68 metros d'altura e 123 m. até ao extremo da cruz. Esta igreja é a maior de todas as igrejas christãs depois de São Pedro de Roma e da cathedra de Milão.

A esphera e a cruz de ferro que terminam a cupola pesam 4,032 kilogrammas; e a esphera tem 1 m. 80 de diametro podendo conter 14 pessoas.

A cathedra de S. Paulo em Londres é uma especie de Pantheon, onde estão os restos mortaes dos grandes homens de Inglaterra, especialmente dos seus mais celebres almirantes como Nelson e outros.

Ao sul da nave, proximo do grande orgão, ha uma escada que conduz á bibliotheca (110 degraus acima do solo) e onde existem para cima de 7,000 volumes. Do alto da torre (616 degraus acima do solo) admira-se um soberbo e extraordinario panorama de Londres. No mez de maio celebrou-se na cathedra de S. Paulo, como succede todos os annos, uma grande festa em beneficio das viúvas e orphãos dos padres da igreja anglicana.

Se podemos offerecer aos nossos leitores tão soberba gravura é por que realisámos ha pouco novos e importantes contractos com casas inglezas que nos cedem simplesmente a nós a publicação em lingua portugueza de tão primorosos trabalhos.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

REALISOU-SE em Lisboa uma soberba exposição agricola. Toda a imprensa portugueza se tem occupado largamente d'este importante acontecimento, e a melhor noticia que poderíamos dar era apresentar um *croquis* da exposição, o que hoje fazemos.

Foi uma festa brilhantissima e uma festa verdadeiramente nacional, por que é especialmente da agricultura, do seu desenvolvimento e do seu aperfeiçoamento que hoje depende o futuro do nosso pequeno paiz, que ainda está á espera de que a Europa civilizada o aprecie como deve, do nosso pequeno paiz acerca do qual ainda correm as lendas mais phantasticas de atraso, de selvageria e de pobreza, mas que possui dentro em si magnificos elementos para se transformar n'uma nação tão prospera como a Belgica ou como a Hollanda.

Uma das grandes razões por que Portugal não prospéra, uma das grandes causas que o obrigam as mais das vezes a ficar para o lado e a ficar para trás quando devia ser o primeiro — é que no nosso paiz o que mais predomina é a mania de se querer fazer o que exactamente o não deve!

Portugal não pode nem deve ser um paiz onde as primeiras actividades se gastem na politica — e todo o portuguez mais ou menos quer ser um politico, todos desejam ter influencia e preponderancia no Terreiro do Paço e em S. Bento.

Portugal não pode nem deve ser um paiz militar — e só se pensa na sustentação d'um exercito que de nada nos pode servir pois que no momento d'uma grande crise europcia só nos hão de salvar as nossas relações diplomaticas... e só se pensa em dar a todo o paiz o aspecto tristonho e desconsolador d'uma caserna allemã.

Os primeiros passos para o desenvolvimento rapido do nosso paiz consiste:

1.^o — Em se fazer exactamente o contrario do que em geral se tem feito;

2.* — Em dizer bem d'aquillo de que gentilmente se diz mal;

3.* — Em se dizer muito mal, mas muito d'aquillo de que se está acostumado a dizer bem.

Deve-se acubir para sempre com o espectáculo bulófo das paradas, e substitui-las por exposições brilhantes como esta que ha pouco se realizou.

Devem-se substituir todas as fortalezas por officinas; todos os quartéis transformal-os em creches.

Em vez de se mandar officinas assistir a manobras e comprar metralhadoras, mandem operarios estudar as primeiras fabricas da Europa e da America.

Em vez de se comprar artilheria, paguem-se largamente professores estrangeiros para que ensinem no nosso paiz certos ramos de artes e industrias que precisam ser desenvolvidos.

Em vez de se importar um estúpido torpêdo, exporte-se uma pipa de bom vinho!

Em vez de se comer por pratos estrangeiros, coma-se por pratos nacionaes que se podem fazer mais bellos e com melhor borro!...

A realisação d'este importante certamen agricola andam ligados muitos nomes que são dignos dos maiores elogios. Falta-nos o espaço para biographar cada membro da illustre commissão de per si. Dois, porém, e que synthetizam todos os outros, não podem deixar de ser nomeados — S. M. el-rei o sr. D. Fernando, e o actual ministro das obras publicas, sr. Antonio Augusto d'Aguiar — os dois presidentes da grande commissão.

Dois nomes verdadeiramente sympathicos em Portugal; dois nomes que andando intimamente ligados a vida politica do paiz tem sempre passado incolumes, adquirindo a maior victoria que se pode obter nas pequenas sociedades, onde as invejas são numerosas e innumeras as injustiças e as ingratidões — nem um reparo, nem um ataque, nem uma inimizade.

Sobretudo o facto toma ainda mais vastas proporções quando se trata não d'um principe, mas d'um simples ministro. Mas Antonio Augusto d'Aguiar tem trabalhado tanto, — é uma individualidade tão moderna e tão honesta, — tem introduzido tanta idia nova nas velhas e tropegas tradições da antiga politica portugueza, — tem sido um tão poderoso divulgador de bom-senso e de cousas uteis no mundo das secretarias, — tem espalhado com prodigalidades de nababo tanta sensatez e tantas ideias pelas pobres e melancolicas columnas do *Diario do Governo*... que o paiz inteiro não pode deixar de o respeitar e de o applaudir, e os contrarios calam-se pela simples e bem ingenua razão de que se não pode facilmente provar que uma cousa é má quando toda a gente tem percebido que essa cousa é boa!

A *Illustração* pediu para Lisboa um desenho da Exposição agricola, installada na Tapada da Ajuda. A pagina que hoje damos reproduz fielmente o *croquis* dos srs. Manuel de Macedo e Christino, os dois conhecidos artistas que se encarregaram de fazer de collaboração este interessante trabalho. Para isso empregámos os ultimos processos da gravura chimica para que o desenho não soffresse na sua simplicidade e elegancia a minima alteração.

A CHINA CONTEMPORANEA

Um tribunal em Shanghai



PRESENTAMOS hoje na *Illustração* uma pagina de Felix Regamei, o distincto pintor francez que melhor tem interpretado os assumptos da China e do Japão.

A nossa gravura representa um tribunal de Shanghai para julgar as questões entre chinezes e europeus. As audiencias são publicas.

Os reus indigenas são tratados a chineza, o que quer dizer que *tudo o accusado é supposto de criminoso*, e por isso os agentes da autho-

ridade que os guardam usam para com elle de todos os magnanimidades do chicote. No nosso desenho vêem-se dois pobres diabos na attitudé supplicante que costumam usar nas tribunaes. Estão em presença d'um velho mandarin que acaba negligentemente um bom cigarro que lhe foi talvez offerecido pelo consul inglez — seu collega para o acto — e que se acha a sua direita.

Estes dois cavalheiros são acompanhados d'um escrivo sentado no extremo da meza, sobre a qual se vê a mão symbolica da justiça em metul branco, um diabo da mão que tanto pode servir para inspirar respeito como tambem para descançar canetas.

LONDRES

Como um gigante suarento, — dorme Nos pardos mantos d'uma nevoa estranha, A cidade opulenta em cuja entranha Rasteja a fome como um verme enorme.

Dos lampeões a dubia claridade, Passam, repassam vultos cautelosos: Este procura no mysterio os gosos, Procura aquelle um pão, na realidade.

Contra o caos solitario o rio escuro Geme convulso e espuma, — e novamente Volta a gemer, de encontro ao velho muro;

Retine o oiro: — vêla a Industria ingente, Cresce a miseria, e augmenta o vicio impuro. Oh millionaria Londres indigente!

LUIZ GUIMARÃES.

A INGLATERRA E A FRANÇA

JULGADAS POR UM INGLEZ.

Ha dias encontrei sobre a minha mesa, enchendo com desordenadas garatujas trez folhas de papel Whatman, uma carta em que o meu cão *D. José* conta as suas impressões de França á minha gata *Pussy*.

D. José é um cão inglez, gordo, sisudo, conservador, que agora pela primeira vez sahio d'Inglaterra comigo, e veio descançar d'um rude inverno saxonico n'estes ares suaves, tepidos, quasi latinos, do paiz d'Anjou. *Pussy* é uma gata ingleza, côr de manteiga, que ficou em Inglaterra, caseiramente, a dormir ao canto do fogão.

D. José pertence a essa raça de cães illustre e historica que os inglezes chamam *pug* e os francezes *carlin*. Italiano d'origem, introduzido em França pelo cardeal Mazarin, o *carlin* tornou-se d'esde o seculo xvii o cão favorito da Monarchia, como o galgo tinha sido o cão fiel do Feudalismo. É com effeito ao fim da Fronda, depois d'esse derradeiro esforço do espirito feudal, que o *carlin* mette pela primeira vez o focinho na Historia. A turbulencia aventureira dos galgos fazia-os incompativeis com uma aristocracia pacificada e policiada — em que já tambem não havia logar para a galanteria heroica das Longueville, das Chevreuse, das Châtillon; essas damas sediciosas e sentimentaes, que alternavam as perseguições do amor com a fadiga das campanhas, e ainda emperrotadas da *chaise-longue*, iam com chapéus de plumas, e cercadas de galgos, guetear na Picardie Turenne ou Monsieur le Prince. O *carlin*

pesado, obeso, pacato, cerimonioso, era realmente o cão que convinha agora á França centralizada e unificada sob a authoridade real. Por isso elle é essencialmente o cão de Luiz XIV e de Versalhes, — tão característico do *grande seculo* como as cabelleiras de cachos, a tragedia classica, e a apparatus symetria dos jardins de Le Nôtre. A maneira que Luiz XIV envelhece que vai absorvendo todo o Estado dentro da sua propria magestade, de sorte que já se não vê a França e vê-se apenas o Rei, — a impertinencia do *carlin* cresce, parallelamente. Elle chega a tomar parte nos Conselhos d'Estado, tão nutrido que se não pode mover do coxim, entre Luiz XIV já cheio de rugas, já com a fistula, mortalmente enfadonho, e Madame de Maintenon hypochondrica, coberta de negro; com o seu fivro de resas na mão. Da residencia em Versalhes o *carlin* conserva a nobresa das bellas maneiras, as attitudes de gala, a magestade de focinho, e esse modo d'olhar, com a pelle franzida, em que se sente o orgulho dos Bourbons e do direito divino. O seu mesmo estylo de ladrar tem um rythmo pomposo que se não ouve nos outros cães: não direi que seja tão suave como um verso de Racine; mas percebe-se que esta raça ouvio pregar Bossuet.

Durante o reinado de Luiz XV o *carlin* permanece cão da côrte, e da casa de França. Nas gravuras do tempo, nos retratos, nas paisagens de leque, não se vê nenhuma graciosa dama d'anquinhas, sem ter, como contraste pittoresco da sua graciosidade, um pagem negro e um *carlin* gordo. A grande gloria todavia do *carlin* no seculo xviii foi ter sido adoptado pela Philosophia e pelas Bellas Lettras. Havia *carlin*, no salão erudito de Madame du Deffant. Diderot tinha um *carlin*. E, attendendo á influencia que o cão exerce sobre o homem, pode-se dizer que o *carlin* não é alheio á Encyclopedia. Foi então que a Inglaterra recebeu da França o *carlin*, como já recebera outras formas do gosto, a polidez, o côrte das casacas, a correção da prosa, a ligeireza moral, os bailados e a eloquencia sacra.

Mas é só verdadeiramente durante a Revolução que o *carlin* se estabelece em Inglaterra. Depois da tomada da Bastilha elle atravessa o canal da Mancha com a aristocracia emigrada; e tendo encontrado emfim uma terra em que o povo se não considera feito do mesmo osso que a nobresa e acha até excellente que rasteje no encurro enquanto os Lords beberriam nas nuvens — o *carlin* torna-se o *pug*, faz da Inglaterra a sua patria, e fixa-se confortavelmente, e para sempre, na paz luxuosa dos castellos, ao abrigo da democracia e da *blague*.

Foi assim que o *carlin* desapareceu de França. Hoje constitue uma antiqualha. Se por acaso ainda se encontra é n'alguma silenciosa rua de villa dormente de provincia, seguindo tropegamente, uma velha marquezia de caracões brancos, que, encolhida no seu mantelete de franjas, e cosida com os muros tristes de conventos desertos, se vai arrastando para o Lausperenne...

O *pug* é hoje pois, um cão exclusivamente inglez, desprendido da sua patria franceza, podendo sympathisar com ella ou detestá-la segundo uma impressão pessoal, sem que na sua clara razão actuem ou influencias d'origem, ou recordações sentimentaes. Para o *pug* o francez não passa d'um estrangeiro; e segundo os habitos da nação que o perdlhou, ordinariamente ladra-lhe. Por isso esta carta de *D. José* me parece um documento sincero e instructivo. E aqui a transcrevo, com as suas incorrecções, os bruscos resumos, as generalizações excessi-



A CATHEDRAL DE S. PAULO DE LONDRES

vas, em que se sente o animal que pensa por grosso sem as nossas distincções esmuçadoras, a delicadeza crítica das nossas meias-tintas.

«Pussy amigo. — Aproveito a ocasião em que nosso amo foi à Bibliotheca, lugar de sabedoria e de solidão, onde eu não sou admitido, para te escrever o que penso d'esta terra de França, com t'ó prometti ao deixar a Inglaterra, n'aquella manhã em que fazia um nevoeiro tão triste... Aqui não ha nevoeiro — e é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa patria, gloriosa e fusca. Sob este céu desanuviado as nebrinas do espirito dissipam-se também. Ah! as ideias (e as minhas não são diffíceis) appareciam-me sempre tão vagas e indeterminadas como os nossos edificios de tijolo atravez da nevoa humida: aqui tenho as ideias tão nitidas como estas casas caídas que se recortão, com precisão e relevo, sobre o céu azul-ferrete. De manhã, no pateo do Hotel, entre as plantas em flor, quando me estiro ao sol, com todo este azul por cima, e a carícia macia do ar a correr-me pelo lombo — pensar torna-se para mim um prazer delicado.

Esta mesma influencia do céu doce tem-me tirado a hypocondria; já não sinto, como em Inglaterra, o atormentado desejo d'uiivar; antes me appetoe agora um ladrar ligeiro e cantante que é como a expressão triumphal da alegria de viver. É este céu temperado que dá aos francezes as maneiras suaves. Entre nós a bruma regelada actua sobre os caracteres como sobre a pelle; greta-os, torna-os asperos ao contacto. Ah! quando nós encontramos grunhimos torvamente; aqui lambemo-nos. Nada facilita mais uma civilização que um bom clima. Ainda hontem o disia um inglez gordo que está aqui no nosso Hotel, e que manda correspondencias para o Times sobre Politica e sobre Moral, com a assignatura de *Um amigo da Imparcialidade*: ainda hontem elle disia com aquella profundidade que o caracteriza: — *Sempre que o homem está ao sol e que esta não incomoda, experimenta, tanto moralmente, como phisicamente, uma satisfação maior do que quando está á chuva.*

A primeira impressão que me deu a França, *Pussy*, foi de uma adoravel variedade, proveniente talvez da democracia. Tomo, por exemplo, as phisionomias de cães. Em Inglaterra, nós estamos divididos em cinco ou seis raças isoladas umas das outras como cartas na India, sem convivermos, sem nos cruzarmos, inconciliaveis, e quasi hostis. O resultado é que, em cada classe, o typo inicial reproduz-se em todos os seus individuos, fielmente, photographicamente, com uma monotonia intoleravel. És tu capaz de distinguir um cão fox-terrier dos outros oito mil ou dez mil fox-terriers que honram a nossa patria? Não. Todos são brancos como este papel, macios como casimira, do mesmo tamanho, com o mesmo tóco de rabo curto e direito, uma malha castanha no focinho, o ar ligeiro, honesto e terno. Parecem cunhados pelo mesmo molde como as libras; — e o homem que perde o seu cão não o pode distinguir mais do cão do seu inimigo.

Por outro lado também, como em Inglaterra todos os homens da mesma classe tem o mesmo feitio e cor de suissa, e usão exactamente o mesmo casaco, e trassem na botociera a mesma flor, e calçam luyas da mesma cor, e caminham com a mesma elasticidade de passo, e fallam com o mesmo timbre de voz, e saúdam do mesmo modo brusco, — se um cão perde o seu dono não o pode differenciar da multidão uniforme. Dirás tu que o deve conhecer pelo cheiro. Difficil. *Pussy*, muito difficil! Todos

os homens em Inglaterra tem o mesmo cheiro, que é composto de sabão windsor, tabacco maryland, agua de colonia e caryflo. Dirás tu ainda que um cão pode interrogar seu amo e differenciar o pelas opinões: não, por que todos os inglezes tem as mesmas opinões e exprimem-as pelas mesmas phrases. A posição d'um cão n'este caso é estonteadora; e é por isso que temos muitas vezes pensado em pôr colleiras a nossos amos.

O mesmo succede com as casas. Como pode um pobre cão, que não sabe ler numeros, distinguir a habitação de seu amo n'esses longos quarteirões de tijolo, sem phisionomia e sem individualidade, em que todas as fachadas tem a mesma porta pintada de preto, o mesmo transparente meio erguido na mesma janella, e por traz da mesma vidraça o mesmo vaso branco com o mesmo geranio triste? Dirás tu, *Pussy*, engenhosa, que é facil penetrar pela porta entreaberta, e reconhecer a casa pela mobilia: não, por que todas tem a mesma cadeira coberta de bezerro ao canto do mesmo fogão, o mesmo espelho na parede forrada do mesmo papel, e nos mesmos caixilhos floridos as mesmas gravuras enternecedoras. O grande horror da nossa patria é a *mesmice*. Ora, como diz o *Amigo da Imparcialidade* com aquella elevação d'ideias que o torna tão veneravel: — *quando as cousas se parecem absolutamente umas com as outras, começa a deixar d'haver variedade.*

Aqui, n'este paiz que me custa a entender, e onde os marqueses são socialistas da subdivisão anarchista, e a restauração de Direito Divino é reclamada por bohemios sem botas da taverna do Gato Negro — as raças diferentes de cães cruzando-se tem produzido uma deliciosa infinidade de typos. Que phantasia, que imprevisito, que originalidade, que pello, que focinhos, n'esta malta de cães nascidos da mistura de sangues diversos, e da baralhada de temperamentos contradictorios! Só queria que visses um amigo que tenho aqui no Hotel. O seu nome classico é *Priamo*; muito velho, muito pequeno, tem uma obesidade de conejo, padece de reumathismos, resmunga e geme, entrega-se ainda á devassidão, e gosta de cerveja: quando se move é a rebolar-se, com o aspecto toucinheiro d'um porquinho da India: mas ordinariamente, sobretudo depois da cerveja, está sentado de costas contra uma porta, com a barriga ao léu, o olho choroso, um bocudo de lingua vermelha pendendo-lhe do focinho, imagem estupenda d'um alienosinho borracho!...

E as cadellas, *Pussy*! Ai, as cadellas... Que graça, que gosto, que finura, que ar leve e vibrante, que tom irresistivel de ladrar, que *pschutt* no farejar! *Pussy*, se não fosse a respectabilidade que me dá a nutrição e o resguardo que deve ter um cão da minha tradição historica, — eu fuzia tollices.

E as senhoras tem os mesmos encantos. Acho-lhes um sentimento mais prompto que o das nossas inglesas cor d'ouro e de marfim, e d'uma expressão mais agradável. Uma dama inglesa se me encontra com meu amo, diz-me, como lhe diz a elle, e como diria a Jesus se o cruzasse na rua: — *«Good morning, sir!»*. Aqui as francezas que me veem cahem de joelhos, com coração e os olhos em alvo, beijam-me todo o focinho, gritão n'um extasi: — *«Oh, le beau loulou! Oh, le beau chéri! Oh, qu'il est beau!»* Talvez as outras, com o seu secco e correcto *Good morning* sejam mais sinceras e mais profundas do que estas com os seus *loulous* e os seus *chérís*. Não importa: para mim vale mais uma beijoica que eu gozo logo no focinho, do que uma grave *sympathia* d'alma que fica escondida dentro dos espartilhos do colléte.

Como diz o sapientissimo *Amigo da Imparcialidade*, n'uma d'aquellas admiraveis maximas que lembram os Platões e os Aurelios: — *As cousas que estão á vista, consideradas em relação ás cousas que estão occultas têm tanto para o individuo, como para a sociedade, a vantagem de se poderem ver!*

Nós em Inglaterra affirmamos, com a Biblia apertada contra o coração, e a garrafa de gin escondida debaixo da mesa, que a moralidade dos nossos costumes é superior á de todas as nações do Universo. Tu sabes, *Pussy*, como esta pudica affectação nos parece divertida, a nós, cães e gatos, testemunhas permanentes da vida intima, deante de quem os seres racionais, no seu imbecil orgulho e suppondo que somos mudos não se dão ao incommodo de terrecato.... A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pucilga, salão*, a differença está aqui. O peccado entre estes amavelis francezes, é amavel também; doura-o um estouvamento móço; tem no fundo uma ponta de sentimento ou de sensibilidade; e no beijo mais superficial ha sempre bastante emoção para, sendo necessario, fazer uma lagrima. Em Inglaterra o peccado é bruto e cheira a agoradente.

Nós disemos também em Inglaterra que os francezes, cão e homem, tendem a vadiar, não apreciam o encanto do lar como elle se apprecia aqui em Inglaterra, e não tem como aqui a veneração das cousas domesticas. De todos os nossos alardes, *Pussy*, é este de certo o mais desfaçadamente impudente. Tu sabes, *Pussy*, como aqui nossos amos, apenas se accende o gaz, largam tão direitos e tão lepidos para o club — como estes aqui para o botequim. Sómente em Inglaterra, todo o ser racional com calças, tem um club, frequenta um club, que o retem, pelo baralho e pela bebida, longe do lar domestico: é aqui os que vão á noute para esses logares forrados d'espelhos onde se joga um sereno dominó, e se philosopha amenamente, são em geral celibatarios e bohemios, — os mesmos que aqui vão sorumbaticamente para uma taverna sem espelhos emborcar copos de cognac. Ha de certo, entre nós, sujeitos que de vez em quando, passam a noite em chinellos ao canto do seu fogão: — mas tornão elles por accazo, com a sua presença, a sala mais animada e mais alegre o serão de familia? Nós sabemos, *Pussy*, como se passam essas horas sombrias, em que o tedio escorre das paredes, penetra pela frincha das portas, accumula-se nas pregas das cortinas... O cavalheiro, de cachimbo nos dentes, lê soturnamente o jornal, tendo ao lado o copo de cognac; madame, de touca, e broche d'ouro, tendo ao lado o copo de cognac, lê desenhadamente o *magazine*. De vez em quando poucam o papel e ralham; e se succede viverem n'uma harmonia bem remendada, deixam cahir a prosa e dormitam. Os filhos, se são pequenos, vivem desterrados lá em cima, na *nursery* com a creada; o papá tem apenas a respeito d'elles a vaga ideia de que estão vivos, e continuam a consummír a sua copiosa ração de pão com manteiga. Se os filhos são crescidos, estão nas colonias ou no bairro visinho, mas sempre fóra de casa, e sem relações, nem por visita nem por carta, com o lar d'origem. Se são prosperos e ricos, o pae tira-lhes o chapéo, ou falla ás vezes d'elles, ás senhoras; se fallarem na vida passam a ser para o seu progenitor como velhas caixas de sardinhas de Nantes vastas, destinadas ao lixo social. Por seu lado os filhos, se se não separam da lareira paterna, consideram negligentemente o pae como um mero dono d'hôtel, e nem pae-lhe chamam, chamam-lhe *governor*, o governador; a mãe, essa, é boa para tratar da

roupa branca, e é denominada *the old woman*, a velhota; e ordinariamente estas pessoas sentam-se a mesa, em volta da bule do chá, para disserem uns aos outros cousas desagradáveis... No entanto que está o cavalheiro lendo no seu jornal, e que está lendo a dama no seu *magazine*? Que só em Inglaterra existe o sentimento domestico, e que só ali o lar é doce e unido. Ora n'isto é que nós somos admiráveis, — na reclama. Atribuímo-nos magostosamente todas as virtudes, negamol-as aos outros com amargor, e esperamos que o mundo nos incense na nossa perfeição. E o mundo, ingenuamente, credulamente, incensa. Quando uma nação afirma, com uma energia de ferro e uma voz de trovão, que é grande, — ella passa immediatamente a ser grande. As outras não tem tempo de ir lá verificar e como diz o *Amigo da Imparcialidade* com o seu habitual esplendor de pensamento, — *nunca se pode afirmar com certeza que uma proposição é falsa, em quanto se não sabe em evidencia que ella é contraria á verdade.*

Outra coisa que me espanta aqui é o sentimento d'igualdade. Ainda hontem vi um esbelto galgo, da mais velha nobreza da Normandia com avós citados nas chronicas de Froissart, correndo e brincando com um canzarrião proletario, de pello rude, pertencente ás ultimas camadas caninas, socialista talvez. Em Inglaterra um cão da camara dos Lords preferiria cortar seu rabo a ser visto conversando com um cão da plebe, fosse elle tão honesto como Catão ou solido no trabalho como uma machina. E o que me surpreendeu é que o proletario estava inteiramente á vontade, sem timidez e sem servilismo, fallando ao galgo como a um igual, certo que de Deus os fizesse a ambos cães, e com identicos direitos aos ossos d'este mundo! Em Inglaterra o cão plebeu perderia a voz de comção, ou se rojaria a lamber com idolatria as patas do galgo Lord — se um galgo da Aristocracia, por uma aberração morbida, ou n'um momento faceto d'embriaguez, ou para ganhar uma aposta excentrica viesse um instante fraternisar na rua com um cão da ralé. Ora se civilização não significa igualdade — então não significa nada. Nós os inglezes somos um povo de livres que é ao mesmo tempo um povo de sevandijas. E todavia, como diz o nosso compatriota, o erudito *Amigo da Imparcialidade*, com aquella sagacidade de vistas que lhe ha-de obter o habito de S. Thiego, — « é melhor que o homem não se abaixe por que temendo, segundo as leis da natureza, uma grande probabilidade de se conservar direito.

Passando incidentalmente a outro formoso lado da civilização franceza, deixa-me fallar-te, Pussy, da cosinha. Que cosinheiros estes filhos da Gallia! E como, ao pé d'estes requintes e d'estes molhos, nós somos ainda o sylvestre bretão coberto de pelles de feras que no fundo lobrego da sua caverna, abocanhava pedaços sangrentos de carne mal assada, antes de S. Patricio ter aportado a estas ilhas com a sua cruz na mão, a contar-nos as cousas tristes que se tinham passado em Jerusalem!... Tu sabes que eu gosto sempre de comer com a minha sopa, uma cenoura. Em Inglaterra dão-m'a invariavelmente dura, meia-crua, semsabor e livida: aqui é tenra, é doce, é perfumada, e é d'um lindo tom vermelho... É apenas uma cenoura: mas, n'este pouco, meu Jesus, quanta graça e quanta perfeição!

Dirás tu, Pussy, que em compensação nós possuímos o Imperio das Indias. D'accordo. Mas, eu uso a cenoura por causa dos meus encommodos intestinaes de cão gordo: e a cenoura bem cosinhada dá-me um allivio —

que de modo nenhum me dá a certeza, alias lisonjeira, de que S. M. a Rainha Victoria, a quem os anjos sorriam, é Imperatriz das Indias. E se houvesse um creado tão impudentemente patriótico, quem servir-me em Inglaterra a costumada cenoura rijá e pallida, me recordasse, como consolação e compensação, o nosso dominio nas Indias — eu mordia-lhe.

De resto, Pussy, eu sou inglez: sei que a Inglaterra perence o Governo dos Continentes; sei que o seu logar na civilização é o mais vasto e o mais nobre. Não é uma cenoura mal cozida que me esconde a grandeza moral da Patria. É sou da opinião do profundo *Amigo da Imparcialidade* que diz com a sua usual vastidão d'ideia, na sua phrase tão tersa: — *Supprimi a Inglaterra da face do Globo, e immediatamente vereis, com surpresa e com dor, que a superficie do Globo tem uma nacionalidade de menos. Muito justo; mas...*

Aqui sentindo-me voltar da Bibliotheca D. José interrompeu a sua carta. Eu não concordo com algumas das suas opiniões excessivamente genericas. Tdavia estas mesmas generalizações, abrangendo tudo n'uma só cacheirada, são caracteristicamente inglesas. Ainda hontem eu lia n'uma Revista de Londres a *Modern Society* o estudo d'um author estimado sobre as *Mulheres Francesas*. E logo na primeira pagina este critico, que tem a cabelleira entremeadada de louros, surpreheendeu-me singularmente dizendo-me — « que as francesas são todas pequeninas, de cabello muito negro » e aspero como linas, com uma cor de pelle « esverdinhada, e escura, o ar oleoso, e um buço tão forte no labio superior que é quasi « um bigode! » É evidente que este escriptor se enganou. Ao compôr laboriosamente o seu artigo, baseado no Dictionario de Geographia Universal tomou da estante por equivoco o tomo sobre Marrocos em logar de tirar o volume sobre a França, e querendo descrever as francesas de Paris, descreveu as marroquinas de Fez. Enganos d'estes são faceis; e não obstem a que um author continue a ser acclamado pelos seus concidadãos...

Assim tambem, ha dias, o mais esclarecido jornal de Londres, o *Daily News*, disia n'um ponderoso artigo de fundo, a proposito da guerra no Tonkin — « que Paris não é em cousa alguma superior a Pekin. » É claro que este jornalista estava embriagado. Accasos d'estes podem succeder: marcha-se n'um dia frio para a redacção, entra-se n'um confortavel caffè, carrega-se um pouco no cognac, sae-se pesadote e confuso; — e Pekin e Paris, dançando uma sarabanda alegre no cranio do critico, apparecem-lhe através das phantasmagorias do alcool, ambos ornados de rabicho. Occurencia explicavel — e que não impede que um jornal continue a banhar largamente de luz o intellecto dos seus assignantes...

Sómente, não vos parece, amigos, que, já no caso do equivoco como dictionario, já no outro mais lastimoso da embriaguez, esta promptidão em generalisar tudo denota uma tendencia condemnavel no espirito inglez, e na imprensa inglesa, essa lampada condutora da terra? Pois então todas as damas, mesmo que seja em Marrocos, com bigode? Não haverá sequer, na sombra languida dos harems do Sherif uma mais favorecida por Mahomet que tenha o doce labio limpo de pello? E Paris em cousa nenhuma superior a Pekin? Oh senhores, pois nem a Avenida da Opera será um pouco melhor que a famosa rua de Chous, a principal de Pekin, onde os mendigos nós roem ossos no enchurro, e ás esquinas pendem

geiolas de vime, com as cabeças dos decapitados a gotejar de sangue: Pois nem ao menos Renan e o velho Hugo, e Pasteur e Vacherot e Taine seriam mais interessantes que esses sabios mandarinhas que recebem o botão de Cristal da Sabedoria desde o momento em que são approvados em Grammatica?...

Evidentemente estas generalizações são desconsoladoras. E ellas são a maneira usual de julgar na imprensa inglesa, nos livros de viagem ingleses, e na conversa inglesa.

Por isso, as desculpo em D. José. N'elle de resto, não ha o traço grosseiro, e brutal. D. José, de todos os escriptores ingleses, parece-me o mais moderado. E esta moderação torna-se até estreiteza, retrai-se em acanhamento — quando tem d'escolher adjectivos para designar o *Amigo da Imparcialidade*. Chama-lhe o *sapientissimo*, o *eruditissimo*, o *illustre*, o *profundo*... Accetaveis adjectivos quando se falle de Aristoteles, ou de Buffon; mas quando se trata d'este assombroso collaborador do *Times* de todo o ponto mesquinhos e insufficientes.

Augers, Maio.

EÇA DE QUEIROZ

EXERCICIOS

E

CASOS DIFFICEIS

DESSEJANDO inaugurar na Ilustração uma secção puramente recreativa, mas verdadeiramente moderna, á maneira do que se faz nos jornaes litterarios de Paris e de Londres, fugindo o mais possivel ao conhecido e já velho systema das charadas, e mais dos logographos, e mais dos enigmas — secção que traga sempre prêso o espirito do leitor, que disperse interesse, que sirva para bem entreter cinco minutos d'ocio, certos quartos d'hora da existencia que ás vezes se não sabe como se hão de matar... resolvemos criar na nossa folha os

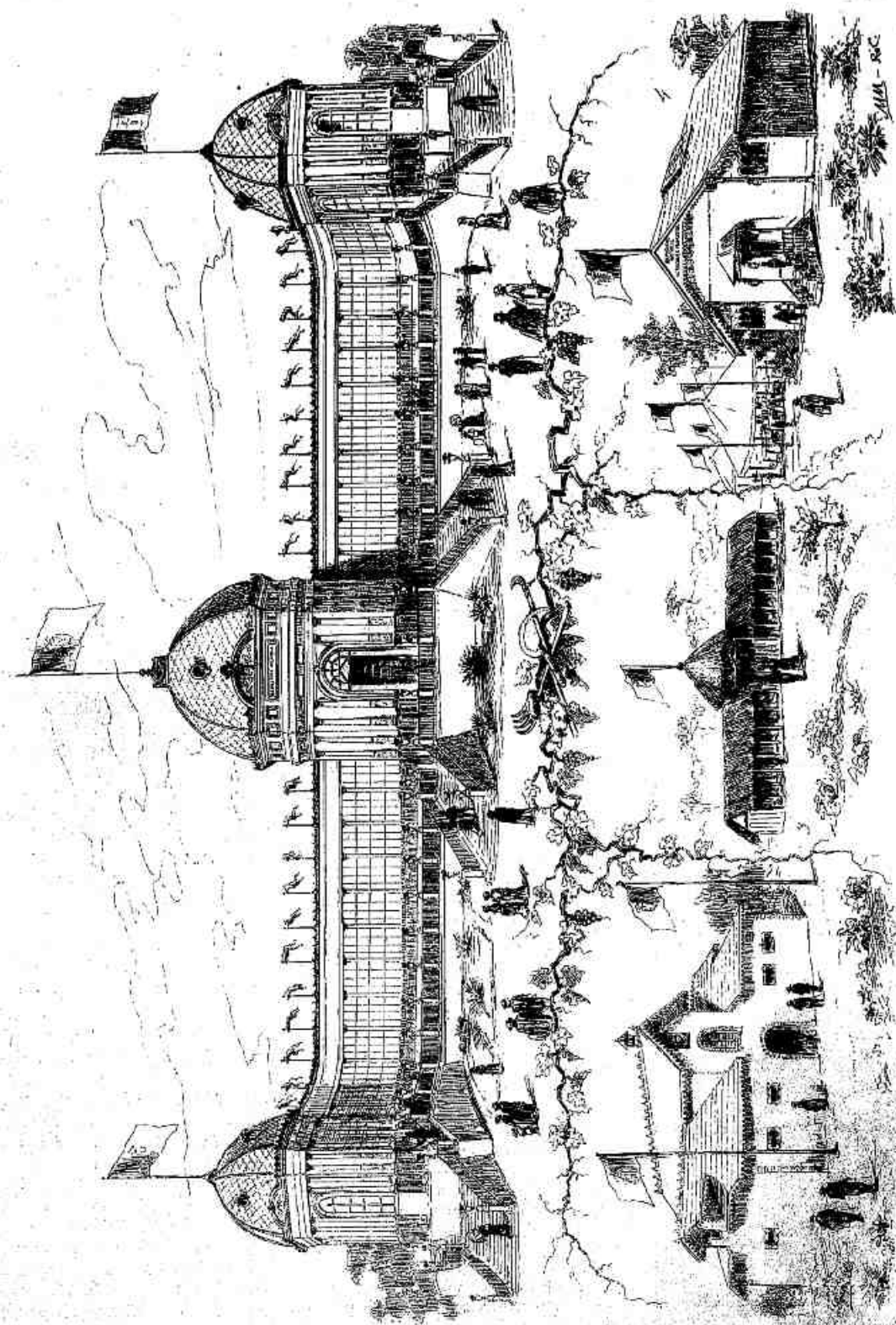
EXERCICIOS

E

CASOS DIFFICEIS.

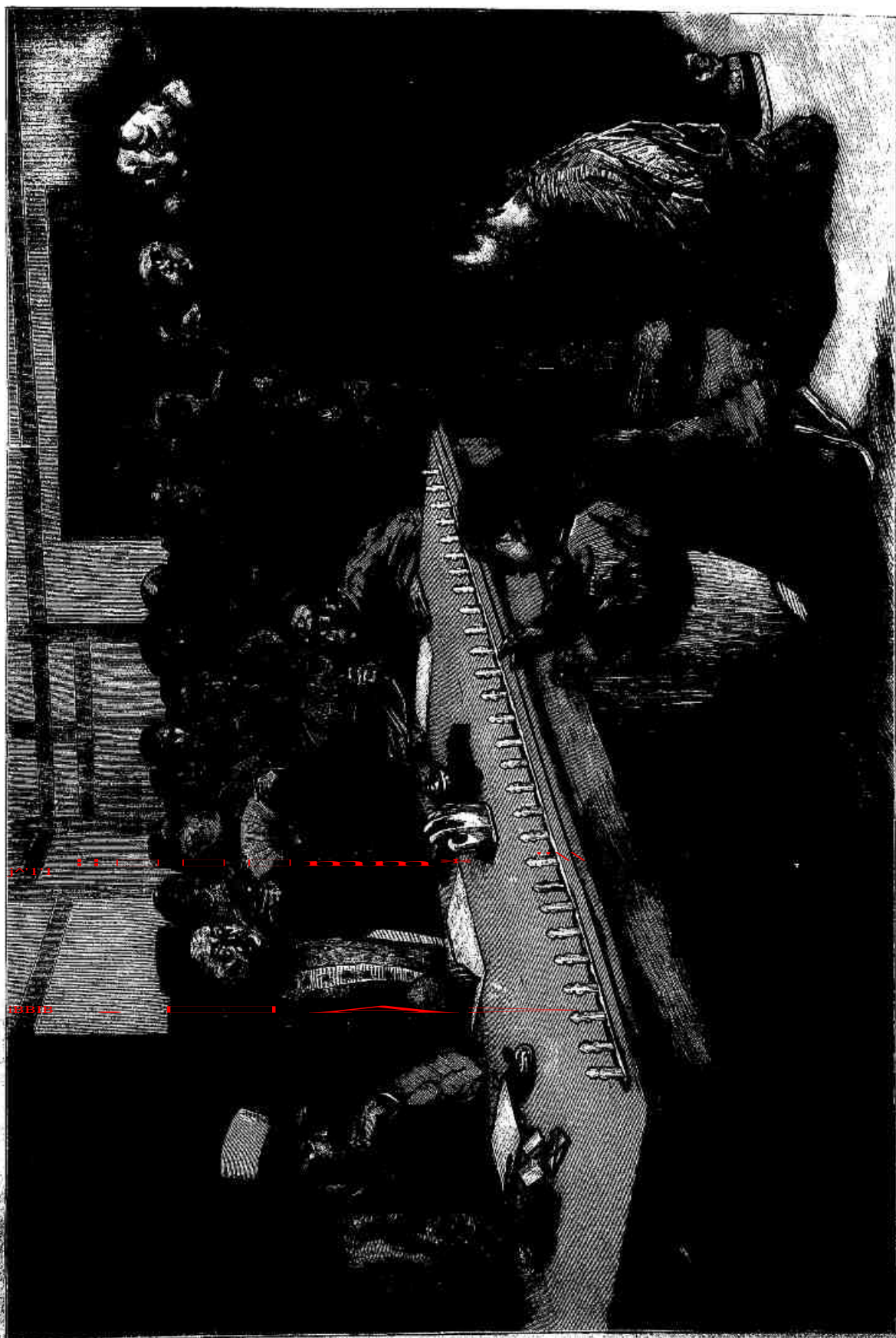
Vamos explicar o melhor que podermos este genero de « passa-tempo » inteiramente novo em jornaes portuguezes e que tinha necessariamente de ser inaugurado pela Ilustração, desde o momento que a nossa folha resolveu ser a introductora em Portugal e Brazil de tudo quanto se faz de agradável e de curioso entre os jornaes illustrados de França e de Inglaterra.

Os EXERCICIOS são questões sérias e comicas que nós offerecemos aos nossos leitores portuguezes e brazileiros para que elles as resolvam do melhor modo, enviando esses trabalhos em carta ao director da Ilustração, 7, rue de Parme, Paris. Todas essas resoluções serão publicadas no jornal, e pela melhor que nos for enviada o auctor receberá UM PREMIO que constará sempre ou d'uma boa agua-forte, ou d'um bom chromo, ou d'um bom album de photographias, ou d'um livro celeberrimo magnificamente impresso — tudo constituindo UM PRIMOROSO ARTIGO PARISIENSE.



1. Pavilhão da Exposição geral. — 2. Embudo. — 3. Aviário. — 4. Exposição oficial.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA. — Desenho de M. Macieiro e R. Constança.



A CHINA. — Um tribunal em Shanghai.

dos que difficil e raramente chegam a Lisboa e ao Rio de Janeiro.

EXERCÍCIOS A PREMIO.

Nº 1. — Pegue-se no nome d'um illustre politico portuguez: Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. Com as 34 letras que compõem este nome ver quaes são as palavras mais extravagantes que se podem formar. E com todas aquellas 34 letras escrever uma quadra humoristica. — No primeiro caso a pessoa que mais palavras mandar o que mais extravagantes fôrtem receberá pelo correio uma grande photographia de luxo, propria para encaixilhar, d'um dos melhores quadros expostos este anno no Salon de Paris. No segundo caso a pessoa que mandar a mais engraçada quadra receberá um premio cujo valor real será de UMA LINHA STERLINA.

Os EXERCÍCIOS que hoje damos como vêem não são dos mais difficéis. Em todo o caso já exigem uma certa paciencia e um certo trabalho. Mas á proporção que os nossos leitores forem comprehendendo bem este processo offereceremos então outros mais variados e mais complicados, que acompanharemos sempre de PREMIOS INTERESSANTES E VALIOSOS.

Os CASOS DIFFICEIS pertencem a um genero, inteiramente differente; mas não menos curioso, nem menos difficil. Constan elles em achar a melhor solução que se deva dar a casos que se passam na vida real, a casos puramente de sociedade, que ás vezes nós surprehendem e de tal modo nos assaltam que nós não sabemos bem como havemos de os resolver.

Vamos apresentar um sobre o qual pedimos aos nossos leitores que nos enviem as suas opiniões, dizendo o que fariam em semelhante situação :

CASOS DIFFICEIS

Nº 1. — M. P. habita em Paris, onde é correspondente da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. Nesta cidade mora tambem uma dama portugueza, a Sr.^a baroneza de C... que elle conhece apenas de vista, d'uma recepção na embaixada e d'uma noite no Theatre Francez. O barão de C... partio ha tempo para o Brazil em viagem scientifica. Por todos os paquetes escreve longas cartas á esposa que adora immenso. Mas chegaram á Europa dois vapores sem trazerem uma unica carta. Inquieta, a Sr.^a baroneza dirige-se a casa do correspondente pedindo-lhe que lhe empreste os ultimos numeros da *Gazeta* para ver se sabe noticias de seu marido, de cujos trabalhos a imprensa brasileira muito se tem occupado. E M. P. tem exactamente na mão um numero do seu jornal, onde se dá a noticia da morte horrorosa do barão de C... victima da mordedura d'um animal venenoso, nas suas excursões pelo interior.

Que hade fazer n'este caso M. P.?

Como vêem a caso é deveras difficil; sobre esta ou outra forma, com pequenas alterações, succede repetidas vezes na sociedade. É necessario portanto achar para elle a melhor solução. Que os leitores nos digam francamente que resolução tomavam em tão critica circumstancia.

Deste modo com os EXERCÍCIOS e CASOS DIFFICEIS fulgamos ter inaugurado uma secção inteiramente nova no jornalismo portuguez e brasileiro, e esperamos que os nossos leitores a recebam com interesse e sympathia, ligando-lhe a mesma attenção que outrora

ligavam nossos avós ás charadas e aos logographos. Escusado será dizer que serão acolhidos com o maior prazer todos os EXERCÍCIOS e CASOS DIFFICEIS que os nossos assignantes nos queiram enviar.

THEATROS

DECIDIDAMENTE o *Mons Parturiens* continúa a gemer!

Agora não são as dores do parto que o apoquentam, são as do réclame! Tudo são dores.

Coitado do pobre diabo, não quer fazer-se esquecido. São feitos. A elle deu-lhe para alli.

Depois de tanto trabalho deu á luz um ratinho... Fiasco medonho! Sim porque no fim de contas podia parir qualquer outra cousa, pois não é verdade?

Mas não senhores, um ratinho, um simples ratinho, tudo quanto ha de mais ratinho.

Ora adeus, tem havido tanta celebridade formada á custa de fiscos, porque não ha-de ficar socegado o infeliz parturiente. Deixal-o lá, que não poucos exemplos tem dado ao mundo.

Um homem conheci eu já — isto agora não vem ao caso, mas eu sempre lhes vou contar — que sentindo-se de noite com grandes inspirações para dar á luz um drama, levantou-se da cama, sentou-se a uma mesa, abriu um tinteiro, molhou uma penna, deu... um espirro... e tornou a deitar-se.

Já vêem que entre o monte e o tal homem sempre ha alguma differença; ao menos o monte dá coisas mais solidas. Entre um rato e um espirro...

Deixemo-nos de brincadeiras.

Querem que lhes diga? Esta quinzena fez-me lembrar do monte da fabula.

Muita promessa, muito espalhafato, muita gente incommodada, muito papel escripto e no fim de tudo isto... nada.

Vou provar-o.

Não é facil, sabem?

Talvez que por meio de duas operações chemicas e uma mathematica tiremos algum resultado!

Experimentemos.

Convido-os a entrar no meu laboratorio, prevenindo desde já que quem não for rival de Wurtz ou de Newton escusa de vir para cá tomar campo por que não percebe nem palavra.

Muito bem!

Começamos por uma synthese:

Primeiras representações de *Duchesse Martin* no Comedie, *Athlete* no Odeon, *Joli Gilles* no Opera Comica, *Macbeth* no Saint-Martin, *Vendredi 13* no Beaumarchais; reprises de *Bérénice* no Odeon, *Joli fait peur* no Comedie, *Bébé* no Vaudeville, *Vie Parisienne* e *Lili* no Variétés e *Roi de carreau* no Folies-Dramatiques; re-entrada de Gull-Marié e de Van-Zandt no Opera Comica; sahida de Stagno, no Italiano.

Agora a tabuada...

Sommemos:

| | |
|------------------|------------------|
| Peças novas..... | 5 |
| Reprises..... | 6 |
| Entradas..... | 2 |
| Sahidas..... | 1 |
| Total..... | 14 — nove fóra 5 |

Passemos a outra operação:

Temos 5. Multiplicando por p, numero dos theatros d'onde estas parcelas todas nos vieram, encontramos 45, de que extrahindo os nove, achamos

0

Tornemos a multiplicar o numero achado 45 por

365 dias do anno, para conhecermos o producto annual e encontraremos novamente depois de retirados os nove, o fatidico algarismo

0

Dividamos esse producto por 12 para termos a media mensal e veremos ainda excluindo os nove

0

0

e sempre 0

Voltemos á chimica.

Uma poquena analyse, nunca é por demais.

Tomemos só os corpos principaes:

São quatro:

Duchesse Martin

Macbeth

Stagno

Van Zandt

A *Duchesse Martin* tinha de ceder ao catiporismo do seu nome! Por cá dizem que peça que tenha *Martin* no fermento... bumba... cabiu. Meiliac o espirituoso auctor da *Boule*, (representada entre nós com o nome de *Botija*) e da *Ma Camarde* anda a espicaçar o Comedie com peças em 1 acto para ver se lhe aguçá a curiosidade a ponto de lhe pedir peça de maior folego. Pois aguçá sim senhores, e já aguçou mesmo, mas não com esta que segundo os criticos dizem não é uma grande façanha. Que eu digo o que leio, porque a mim, que agradasse ou não pouco se me dava pois tinha sempre de a recomendar aos traductores que, não se prendem com essas pequenas misérias.

Macbeth, é o que se pode chamar uma peça de exportação. Sarah Bernhardt desejando formar um repertorio para sahir de França teimou em intercalar n'elle a obra prima de Shakspeare visto ter-se saído já uma vez maravilhosamente da scena do somnambulismo representada em frente da critica franceza. Arranjou-se pois a peça, *arregiou-se* em prosa, porque fóra de Paris são de dente bom, desprezaram-se as traducções em verso que havia, armou-se um scenario velho, pagou-se a tres homens para fazerem de bruxas, compraram-se uns carvãozitos para mostrar uma fogueira e... zás... *Macbeth* em scena quasi como no tempo do auctor mas sem elle para supprir a tudo. Em todo o caso Sarah creou mais um grande papel e Marais coadjuvou-a muito bem. O novo director do theatro, M. Mayer de Londres, é que não foi muito feliz para uma estreia e eu por mim estou em acreditar que Sarah tambem perdeu a mascote que a acompanhou sempre até seguir na India as aventuras do seu *Nana Sahib*.

Stagno, o grande tenor Stagno — grande só pelo tamanho das letras com que no cantaz lhe escreveram o nome, como lho disseram os jornaes — o estimado cantor, applaudido no Portugal e no Brazil, quebrou a sua escriptura com o theatro de Paris e — sahio!

Ora é preciso não esquecer que o que elle fez não é original pois que já alguem em Lisboa tinha feito o mesmo — sahir — mas em Stagno o lado raro é, o motivo porque elle sahio...

A historia é de poucas palavras.

Stagno foi chamado para o Italiano na ausencia de Gayarre ou Gayarré como aqui o appellidavam — a elle nunca lhe importou isso, menos me poderá importar a mim — mas a quem daremos o sobrenome que elle recebeu em Lisboa e no acto baptisimal.

Gayarre foi pois muito applaudido e sobretudo no *Rigoletto* ficou

consagrado;

como os papéis apregoraram

Mais tarde veio Stagno a debutando no mesmo *Rigoletto* foi tal o acolhimento que lhe fizeram que dias depois rasgava o contracto e indo para o seu paiz trocava as agruras da vida de artista pela singeleza e sinceridade da vida domestica.

Nada mais natural, pois não é assim?

Dois tenores que chegam, ambos afamados, ambos notáveis, ambos bem pagos, — applaudir-se um e patear-se outro. Naturalíssimo.

Sem dúvida, naturalíssimo, em qualquer outra terra que não fosse a França, em qualquer outra cidade que não fosse Paris.

Eu adoro Paris, mas como aquellas crianças encantadoras a quem estimamos doidamente, não posso comtudo perdoar todas as suas levandades, todas as suas impertinencias!

O que quer dizer Paris applaudir ou assobiar Gayarre ou Stagno?

O que sabe Paris dos dois tenores? Um já conhecido em todo o mundo, outro já quasi velho de cantar, e que pela primeira vez só agora se apresentam em Paris!

Não posso calar-me perante um *não apoiado* que Paris berra aos ouvidos de todos que aclamam Stagno, como me incommoda a sua pretensão em ter querido descobrir Gayarre e consagrar-o!

Irritam-me ambos os procedimentos.

Paris dará o tom, o toque, a linha, a ultima palavra em tudo que quizerem menos em musica e musica italiana porque a sua Grande Opera lá está, ensurdecendo-nos, a protestar contra tudo que possam dizer a favor.

Nem uma cousa lhes vale; o antigo rião: *En casa de ferro*....

O tamanho da pretensão excede o valor do proverbio!

Em compensação, porem, no momento em que Stagno se retirava, fazia Van-Zandt a sua nova entrada no *Opera Comica* depois de uma estacão em Monte-Carlo. Esta cantora de grande merecimento e de uma originalidade notavel, traz, depois do seu passello, sempre a mesma bagagem que levou e a que tem sempre trazido desde o seu debut:

Mignon
Lakmé

Dias antes tinha reentrado no mesmo theatro em *Carmen* outra artista de grande merito, Galli-Marié, mas apesar de muito applaudida não se tornou tão sensível. Ha gente assim; que se conforme.

Van-Zandt, da America pela origem, da França pelo coração, com as suas phantasticas idéas de só cantar quando para isso se sentir disposta, com os seus assaltos nocturnos de loucos apaixonados, com os seus caprichos de franceza e com os seus *spleens* de americana, estava irrefutavelmente sentenciada a ser o motor inventivo da nova palavra — *Fla-Fla*.

Disse já alguém que todos os grandes genios applicados a qualquer fim imaginativo desde o Poema até ao Crime, encontram sempre um contemporaneo que nasceu expressamente para os descrever. Van-Zandt teve tambem o chronista da sua exquisitissae e Pierre Desgenais, o redactor da *Indépendance belge*, que descobriu a sua palavra descriptiva, deveria ser sepultado — quando morrer, é claro — no mesmo tumulo da cantora, coberto pelo mesmo saúguero, perfumado pela mesma violeta, regado pela mesma agua e encimado pela mesma divisa:

FLA-FLA

Quando a palavra appareceu — não ha muito, dois ou tres mezes talvez — houve uma revolução, uma verdadeira revolução e eu faço uma pequena idéa das espontaneas interjeições, dos extasis repentinos e do mesmo subito de que as minhas leitoras foram invadidas ao lerem estas terriveis palavras; vejo o esbogar dos olhos, o abrir da bocca, o dilatar das narinas do amavel leitor no cair-lhe diante da retina esta phrase tão problematica, tão inexplicavel e tão horrorosa até! *Fla-Fla!* O ruido e o espanto causado por estas pobresseis letras, ao serem depositas no regaço de Lisboa, sinto-o a vejo-o tão bem, tão bem, como se entre mim e ella não mediasse a curtilissima distancia de 2,124 kilometros de linha ferrea marcados no *Guia official de los ferro-carriles*, um dos melhores e dos menos

complicados que têm apparecido (sem reclame ao editor)?

Os paes de familia gravilundos e serios dentro d'um chame de chita e d'umas chinelas de tapete ficaram aterrados ao verem apparecer *Fla-Fla* no meio do seu almoço de leite do *Alviella* e de *margarina* de Alcantara, danissima sorte que o horivel *Mane Thael Phares* no festim de Balthazar (exemplo que elles hão de procurar para erudição das meninas e prova do que aprenderem em pequenos)! As mães, coitadas, de roupão branco largo, arrendado em estrelles, comprado n'uma loja d'objectos da ilha da Madeira e envolvendo em coifa de trança e barba, os poucos cabellos, — martyres gloriosos que ainda esperam pucientes, equal supplicio ao que tem arrebatado, um por um, todos os seus infelizes companheiros — pensaram ao vera hieroglyphica phrase n'um novo *puding* ou em algum moderno guisado similhante em tudo aos antigos mas com differente nomenclatura para abrir mais o apetite e agucar mais a gula! As filhas, casadoiras já, e casaveis á custa de muito trabalho seu e de muita economia do paé, encontraram só em *Fla-Fla* um exquisito lanche ou alguma renda da ultima cor da moda.

Fla-Fla! Uma intriga! Para uns era a palavra de passo d'uma seita secreta, para outros a ultima expressão do dandismo parisiense; para estes um novo ahyismo que podia attrahir os inconscientes, para aquelles um bom estribillo a explorar nas salias!

As lojas e os corações foram invadidos, aquellas de frequenzas que queriam a todo o transe comprar *Fla-Fla*, estas da curiosidade invencivel de conhecer o que fosse *Fla-Fla!* E, que diabo, era bem perdoavel, tanto o afan dos primeiros como o enthusiasmo dos segundos porque no fim de tudo *Fla-Fla* senão se podia vender aos kilos e senão podia satisfazer desejos era em compensação deveras bem generosa, a ultima palavra de Paris, o nome d'um novo ruido que com febre se procurava produzir na capital do globo, e era emfim a derradeira expressão do mundo theatral. Alem d'isso *Fla-Fla* como o *Fru-fu* como o *Brou-ha-ha* como o *Fric-Frac* exprime perfectamente o sentido para que foi inventada e... faz mais do que qualquer das outras palavras, cria vontade de a ter e de a produzir! Os proprios jornais perguntavam em alto berreiro: *Quem quer o primeiro Fla-Fla?*

Aqui está em que Paris é exímio!

Porque no fim d'esto barulho todo ninguém poderá negar a *Fla-Fla* entrada nos dictionarios uma vez que o *Brou-ha-ha* e o *Fric-Frac* lá tem um lugar. O *Fla-Fla* será usado em todas as palestras, mettido em todas as conversas como o *pchutt* e o *chic* e esses nãas, fructos de imaginações phantasticas e... ociosas (digamos a verdade) nãas, que o uso converte, mais tarde, em palavras correntes e acceptadissimas! Substituirá mesmo, e oxalá o faça, esses milhares de francezismos que inundam os jornaes e asphixiam os escriptores, desterrará os *voilà tout*, e os *hors ligne*, os *fort et à travers*, porque — amoldando-se a palavra — poderemos alucinar de *Fla-Fla* aos que possuindo uma lingua tão rica, a adulteram sem necessidade.

Mas, em summa, explicadas bem as cousas: O que é *Fla-Fla*?

Fla-Fla é o ruido, o murmuro, o renome que attrae como que por encanto certos individuos que pertencem ao theatro! O *Fla-Fla* é a senha que corre de bocca em bocca, é, o que se conta, o que se diz do facto, são os comentarios e as exagerações a que elle dá origem, são enfim as narrativas do successo augmentadas progressivamente por cada pessoa que as vae fazendo, na mesma proporção que o numero de ovos da celebre historia do *Principe encantado*, tão nossa conhecida! *Fla-Fla* é pois o escandalo do theatro! E... se o escandalo só por si podia tornar conhecida e mesmo apreciada uma mediocridade artistica, o *Fla-Fla* torna-la afamada e applaudida até, talvez, porque — a Arte que se conforme — o espectador é assim!

O publico preferirá muitas vezes, ver em scena uma actriz mais inferior mas cujo *Fla-Fla* lhe echbe aos ouvidos por todos os corredores do theatro, do que uma boa artista que não venha pre-

cedida de barulho nem d'escandalo e que traga apenas na malinha o seu merito e a sua sisedez!

Parecerá um abarto, mas não é tal!

Ha entretanto uma confidenciação para elle: as excepções.

A meu ver porem o *Fla-Fla* é uma nova porta aberta para a celebridade a todo o artista que pela arte não consiga ser conhecido.

O exemplo tem-nos feito ver que o escandalo lhes dava gloria, o futuro nos ha de mostrar que o *Fla-Fla* lhes dará renome!

Van Zandt porem não carecia de *Fla-Fla* porque lhe prevejo um grande futuro sem elle, e é para sentir na verdade que fosse ella quem fornecesse a Desgenais os documentos para o seu privilegio de invenção.

Concluindo, o que resumiram da quinzena? Tanto como eu:

0

J. M.

MUNDO. — Irving, o grande tragico ingles, cotheu durante a sua viagem de 6 mezes pela America do Norte a insignificantissima quantia de 405,000 dollars, 2,030,000 fr., ou 362,400,000 reis o que lhe deu uma media diaria de 11,000 francos ou 1,080,000 reis. Nenhum outro actor, comediante ou cantor, tinha antes d'elle e em tão pouco tempo, ganho tanto dinheiro nos Estados Unidos. — Estou em grandes duvidas para acreditar. — Ugalde a graciosa estrella do *Nouveautés* parte para a Russia onde a prende uma brilhante escriptura. — Tres *Machets* estão em perspectiva. Um o que se representou no S. Martin, veridico em prosa por J. Richpin, outro no Odeon, em verso por Lacroix, o terceiro no Comedie por traductor desconhecido até agora. — Quem não vir a obra de Shakespeare é porque resolutivamente o não quer fazer. — Coquelin publicou um curioso estudo sobre o *Tartuffe* de Molière que se torna muito recommendavel a todos os nossos bons actores. — Appareceu uma linda comedia em 1 acto que Coquelin cadet e Reichenberg, dois socios do Comedie, representam pelos salões de Paris e que nos de Portugal e Brazil deveria produzir enthusiasmo. Titulo: *Petits Pois*. — Descobriu-se uma partitura original dos *Huguenotes* em que o coro dos punhazes no 4.º acto em vez de ser cantado por de S. Bris, é cantado por Catherine de Médicis que vem em pessoa animar a carnificina de S. Barthélémy. — O theatro de la Monnaie em Bruxellas, fez montar a opera de Wagner, *Les maitres chanteurs*. — *Pattes de mouche* a bonita peça de Sardou vai passar no repertorio do Comedie. — As peças novas annunciadas são as seguintes: Odéon: *Le moyen d'être riche*, *Les imbéciles*, *La maison des deux Barbeaux*. — Opera Comica: *Cleopatra* (Victor Massé). — Gaité: *Mille et dixième nuit* (opera comica). — Nouveautés: *La nuit aux soufflets*. — Variétés: *Position pour dames*. — Os outros theatres vão fazer reprise de *Caprices de Marianne*, *Visite de Noces*, *Grand Mogol*, *Mousquetaires au convent*, *La vie d'un joueur*, *Paul et aux yeux d'or*, *Contes d'Edgar Poe*, *Drame dans le fond de la mer*, *Prémios*. — O Châteaud'eau vae reabrir com *Les martyrs* de Donizetti.

AVISO

Fedem-nos urgentemente de Lisboa que reimprimamos o 1.º e 2.º numero do nosso jornal, para satisfazer a todos os pedidos de assignaturas que chegam dia a dia das provincias.

Nunca esperavamos semelhante exito — esgotarem-se os 6.000 exemplares d'um só numero — e vamos refazer inteiramente todo o trabalho dos dois numeros.

Prevenimos portanto os nossos assignantes de que já demos todas as ordens a nossa typographia de Paris para que se faça nova tiragem dos numeros que faltam, devendo ser expedidos com o 4.º e 5.º numeros.

L'Imprimeur Gérant: P. Mouillot.

O MARQUEZ DE TSENG

No momento em que o marquez de Tseng, o ministro plenipotenciário da China em Paris, Londres e S. Petersburgo tem de deixar a França, abandonar Paris, e ceder o seu lugar a um outro diplomata do Celeste Imperio, a *Illustração* não podia deixar de publicar o retrato do homem que mais figurou na desgraçada questão do Tonkim, que ia levando a França quasi ao extremo de declarar a guerra á China.

Hoje estão estabelecidas as bases do tratado de paz que se vai assignar em breve; reconhecidamente o protectorado da França sobre o Annam; todos os portos abertos ao commercio. A França respondeu generosamente á China não exigindo uma indemnisação de guerra, e qualquer outro paiz teria reclamado ou pela boca dos embaixadores ou pela boca dos canhões. E o marquez de Tseng teve de abandonar o seu posto junto do governo da Republica, porque não podia continuar n'uma triste situação politica ao lado do sr. Jules Ferry que sahio victorioso d'este gravissimo assumpto.

Em geral a imprensa allemã e a imprensa ingleza consideram o marquez de Tseng como um habil e fino diplomata, tendo conduzido admiravelmente a questão do Tonkim. Mas apesar da sua habilidade e da sua finura o Celeste Imperio foi-o man-



O MARQUEZ DE TSENG, ex-ministro da China em Paris.

dando substituir in continente pelo seu ministro em Berlim, enquanto não chega á Europa o novo embaixador junto da Republica franceza, e que já devia ter sahido de Hong-Kong.

Digam o que disserem os jornaes seus amigos e os governos europeus que o protegem com segundas intenções, o que é um facto é que o celebre marquez de Tseng é em grande parte o responsavel da guerra que os francezes tão corajosa e tão nobremente sustentam no paiz do Annam contra os bandidos que o infestavam, e teria perfeitamente evitado os combates no Tonkim se a sua politica não fosse toda de hesitações, de subterfugios.

Diz-se que o marquez de Tseng é a expressão exacta da diplomacia. Triste cousa a diplomacia quando vive de expedientes, de receios e de equívocos que dão apenas em resultado uma guerra e quasi sempre o aniquilamento ou o descrédito politico d'um paiz. A França ficou collocada n'uma excellente posição. Mas não será bem ridicula a situação actual da China submettendo-se livremente a um tratado que ella não queria aceitar ainda ha um anno, confiando nas suas fortalezas e nos seus canhões, ignorante como estava das forças de que a França dispunha? E não era do dever do seu ministro illucidissimo, esclarecer a em tão melindroso assumpto?

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR : MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS. — Rua do Ouvidor, 79. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

EDIÇÃO PARA PORTUGAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

| | |
|-----------|-------|
| Anno | 2.400 |
| Semestre | 1.200 |
| Trimestre | 600 |
| Avulso | 100 |

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PREÇO DA ASSIGNATURA

| | |
|-------------------|--------|
| Anno (Câmbio) | 12.000 |
| Semestre (") | 6.000 |
| Anno (provincias) | 14.000 |
| Avulso | 500 |

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE

Escriptorio em Paris : 7, rue de Parme.